

MULHERES AFRODESCENDENTES EM MOVIMENTO: AS CONQUISTAS CONTINUAM?

Meire Michele dos Santos Rocha (Bolsista-PIBIC/CNPq/ UFPI)
Ilanna Brenda Mendes Batista (PIBIC-Voluntária-UFPI)
Tatiana Santos Pacheco (Voluntária Colaboradora/UFPI)
Prof. Dr^o Francis Musa Boakari (Professor & Orientador/UFPI)

Historicamente, a mulher afrodescendente brasileira enfrenta três formas básicas de discriminação. Entretanto, em tempos recentes um contingente crescente destas mulheres, está conseguindo sucesso escolar e êxito profissional. Como explicar esta situação através de suas experiências educacionais e as conquistas sociais que as mulheres afrodescendentes vêm alcançando foi o objetivo desta pesquisa. Esta pesquisa de natureza qualitativa e do tipo etnográfico informou, depois da análise e das interpretações dos dados de dezessete entrevistas, sobre as estratégias empregadas e as características individuais destas brasileiras. Deste modo, ajudando a explicar as transformações que aconteceram e ainda estão acontecendo nas vidas destas mulheres afrodescendentes, no meio de seu grupo sócio racial. Enquanto problematizamos neste artigo as conquistas do movimento feminista afrodescendente, levantamos questionamentos no tocante às outras expectativas positivas que almejam as mulheres afrodescendentes.

Palavras-chave: Educação. Mulher Afrodescendente. Conquistas. Transformação social.

Introdução

O presente artigo é duma pesquisa sendo desenvolvida por bolsistas do Grupo Roda Griô: Gênero, Educação e Afrodescendência (GEAfro), ligado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação, Gênero e Cidadania (NUPEGEI). O projeto, “Estórias de brasileiras afrodescendentes de sucesso: raça e gênero na educação” elaborado e sob a responsabilidade do Professor Pós-Dr. Francis Musa Boakari do Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE) e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) do Centro de Ciências da Educação (CCE) da UFPI, está voltado ao exame, fundamentalmente, das experiências de mulheres brasileiras de descendência africana como ponto de partida para compreender as explicações de seu êxito acadêmico-social.

O propósito básico deste estudo foi desvelar as experiências de um grupo de mulheres de ser mulher e afrodescendente e as estratégias que essas mulheres usaram para superar os preconceitos raciais e de gênero existentes nas suas vidas cotidianas e sócio-educacionais. Objetivava também, determinar, aprofundando a compreensão das experiências, das oportunidades e dos desafios que elas enfrentaram e averiguar em que esses fatores determinaram as estratégias usadas para obterem o sucesso desejado. Por

sucesso educacional, entendemos que a pessoa pelo menos tenha um diploma universitário; e por êxito profissional, estamos referindo ao fato de que a pessoa tenha um emprego ao nível de sua qualificação profissional.

Esta pesquisa pela sua natureza prática será de interesse pessoal para outras mulheres afrodescendentes, especialmente, as jovens e estudantes. Muitas destas mulheres poderiam aprender a partir das experiências de mulheres participantes do estudo, revelando as suas angústias e conquistas para servir de incentivos para outras mais novas. Só pela conquista de ter concluído um curso superior já distancia destas mulheres da maioria das afrodescendentes, e de muitas outras brasileiras. Membros de outros grupos marginalizados também poderiam aprender com as mulheres em questão.

Em geral, quando essas mulheres conseguem êxito escolar, enfrentam outras barreiras muito mais escrutinizadoras do que para os homens afrodescendentes ou não. Pesquisas mostram que quando for uma mulher de descendência africana, em contraste à mulher de outra origem, tem que enfrentar e superar desafios bem maiores Caldwell (2001) e Harris (1995). A força das discriminações em forma de um tripé, racial, socioeconômica e de gênero, se torna mais potente quando combinam. É isto que acontece na maioria das vezes porque as diferenciações baseadas no seu gênero de mulher e da raça afrodescendente influenciam nas suas condições de vida, e vice versa.

Neste sentido, os resultados deste estudo vão ampliar as nossas perspectivas quando adicionam outras dimensões às informações existentes, não somente sobre as práticas discriminatórias e excludentes numa sociedade como a brasileira, mas também, fazer perceber que assim como outros grupos marginalizados, as mulheres afrodescendentes vivem constantemente na luta para realizar novas conquistas. Quando elas obtêm sucesso numa determinada área que não lhes favorecia, ou num campo em que elas nem eram reconhecidas, percebem novas lacunas que fazem com que novos horizontes sejam almejados.

Gênero, Afrodescendência e Educação

Os africanos foram escravizados e trazidos tanto para o Brasil como para outros países e de acordo com observação irônica de Lopes (2007, p 105), foi “graças ao cativo e á escravidão de africanos e seus descendentes nas Américas, a Inglaterra e a França, dominando Portugal e Espanha e assumindo a liderança da Europa, tornaram-se as nações mais poderosas do mundo”. E além deste, inúmeros benefícios foram

adquiridos através da mão de obra deste povo escravizado e marginalizado sem uma lógica consistente que justificasse de fato tamanha crueldade e ganância. O que existiam eram estratégias de dominação através do uso de teorias publicadas nos círculos dos poderosos da Europa e falas reproduzidas por intelectuais racistas para idealização de uma raça superior e assim foi sendo construído um mundo e especificamente falando, um Brasil racista.

Os escravizados de descendência africana nunca aceitaram de maneira passiva a escravidão, foram várias as formas de resistência como o suicídio, apatia em “deixar de viver”, práticas de sabotagem, a fuga individual e fuga em grupos, como também a formação de quilombos. No dia 13 de maio de 1888 foi o dia da abolição da escravatura. Diante deste anúncio ou mesmo desta conquista o mais provável seria o sentimento de realização da solução do problema da escravidão no Brasil. Mas o problema não se restringia a uma escravidão decretada, era mais que isso, pois mesmo livres por lei os afrodescendentes se encontravam ainda sem boas condições de vida ou mesmo sem oportunidades favoráveis. Por estarem vivendo em uma liberdade encarcerada. A abolição ainda era para vir a ser realidade.

O negro não tinha como ser trabalhador qualificado. Um operário. Estava condenado ao subproletariado urbano, à marginalidade social, quando não ao crime e a prostituição. E era maltratado e responsabilizado por isso. Com a sua localização nos mais degradados da hierarquia social reforçavam-se os estereótipos acerca de sua incapacidade mental, de sua preguiça, de sua irresponsabilidade. Reforçava-se a falácia da inferioridade. O preconceito de cor. Em síntese, o negromestiço fora sentenciado à pobreza, privado de meios para vencê-la e ainda era acusado pela situação em que se encontrava, atribuindo-se a sua miséria à sua raça. E o que ainda mais cruel: convertia-se muitas vezes no seu próprio e implacável juiz, culpando-se e maldizendo-se pela vida miserável que levava (RISÉRIO, p.353 2007)

Desta forma quem antes vivia a serviço dos senhores de escravizados agora vivia a serviço dos senhores das cidades. A partir das resistências à escravidão e depois da abolição, se formavam os diversos movimentos dos afrodescendentes no Brasil. Com uma existência camuflada por uma ausência estratégica, somente a partir de 1970 com o crescimento das oposições na sociedade brasileira é que este movimento vai eclodir. Segundo Fernandes (2009), (apud SANTOS, 1994, p.157), a seguinte é a definição do movimento negro:

Todas as entidades, de qualquer natureza, e todas as ações, de qualquer tempo [aí compreendidas mesmo aquelas que visavam à auto defesa física e cultural do negro], fundadas e promovidas por pretos e negros. Entidades religiosas [como terreiros de candomblé, por exemplo], assistenciais [como as confrarias coloniais], recreativas [como “clubes de negros”], artísticas [como os inúmeros grupos de dança, capoeira, teatro, poesia], culturais [como os diversos “centros de pesquisa”] e políticas [como o Movimento Negro Unificado]; e ações de mobilização política, de protesto anti-discriminatório, de aquilombamento, de rebeldia armada, de movimentos artísticos, literários e ‘folclóricos’ – toda essa complexa dinâmica, ostensiva ou encoberta, extemporânea ou cotidiana, constitui movimento negro.

Diante deste conceito caracterizamos alguns movimentos dos negros que historicamente contribuíram nas conquistas sociais para o grupo de afrodescendentes. Lopes (2007) numa análise histórica diz que a inserção do afrodescendente acontece a partir do século XX, e que somente neste século esses filhos de imigrantes foram ter acesso, desde o curso fundamental, aos melhores estabelecimentos de ensino, neles tecendo redes de amizades e parcerias importantes para a vida adulta, e através delas chegando, em vários níveis, aos núcleos de influência, poder e decisão. E ainda hoje com mais de um século depois da abolição as desigualdades e desvantagens dos afrodescendentes geradas pelo regime escravista ainda são presentes na sociedade contemporânea. Afrodescendente sim, e não negro porque este último é mais negativo no ideário brasileiro.

Para Albano (2010) o feminismo é caracterizado por toda a luta travada pela igualdade das mulheres em várias “instâncias” da vida, não só no plano dos pensamentos ideológicos, mas especialmente nas suas repercussões práticas. Com isso o século XIX é marcado por mudanças relevantes e importantes para as mulheres particularmente da Europa, como o trabalho assalariado, a autonomia do indivíduo civil, que conseqüentemente iria trazer a autonomia das mulheres, o direito à instrução, acesso às profissões diversas e também a presença delas no cenário político. Sendo adesão ao voto uma grande conquista do movimento feminista, foi algo que repercutiu em vários países ocidentais. No Brasil, o voto chegou às mulheres em 1932.

Nessa perspectiva de lutas e conquistas dentro do movimento feminista nacional, as mulheres afrodescendentes começam a partir de 1980 a reconhecer a diversidade e desigualdade existentes entre membros daquele grupo de feministas, diferenciações baseadas no pertencimento racial. E assim, as afrodescendentes começam a expressar suas necessidades que não eram iguais às das mulheres de origem europeia. As suas

reivindicações não permitiam uma reprodução de discursos de concepção eurocêntrica, se não explicitamente racista ... e contra a mulher não europeia.

Em um contexto geral as feministas que lutam racionalmente pelos seus direitos, traziam uma contribuição importantíssima com relação ao reconhecimento de direito de igualdade entre ambos os sexos. Só que era necessário reconhecer as desigualdades raciais e como a questão do preconceito de cor ligado ao gênero feminino implicava nas questões dos papéis sociais que designavam as mulheres afrodescendentes trabalhos menos valorizados, as percepções sobre elas eram de inferioridade. Com essas e outras questões com a de reconhecimento das subjetividades das afrodescendentes, no IX Encontro Nacional Feminista, mais uma vez, essas necessidades não foram apresentadas nem contempladas. Deste modo, o movimento feminista se divide e as mulheres afrodescendentes se articulam para realizar o I Encontro de Mulheres Negras ainda nos anos '80.

Muitos já foram os desafios e conquistas do movimento feminista, hoje outros desafios continuam e o papel de emancipação das mulheres não se restringe só ao movimento e sim a sociedade como um todo. Questões sobre o aborto e violência contra a mulher mesmo com a promulgação da Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) têm sido polemicamente discutidas por causa dos muitos acontecimentos que vem prejudicando esse grupo social. As questões não se restringem só a esses fatos, no âmbito da política outros problemas tem afetado membros do gênero feminino. Com relação a esse assunto Machado (2011) diz que:

Outra discussão é a participação das mulheres na política. Segundo a organização internacional União Interparlamentar, num ranking de 188 nações, o Brasil ocupa o 104º lugar em relação à presença feminina nos parlamentos. 'Nesse âmbito, o fato histórico de termos uma mulher na presidência e mais ministras produz um efeito de desnaturalização do espaço masculino no poder.

Neste sentido as lutas nos âmbitos sociais, políticos para emancipação da mulher e destacando a mulher afrodescendente, por ser duplamente (ou triplamente) discriminada continuam, porque o problema de desigualdade social não envolve somente todos os grupos sociais de mulheres. Mas dentro desses grupos, as mulheres também se dividem, pois de um lado estão aquelas com maior ascensão social, que ganham altos salários e aquelas em maior proporção que estão na base, sendo elas as mais pobres, as mais excluídas.

Faria (2011) diz que as mulheres mais pobres no Brasil são afrodescendentes e do meio rural. Diante desta posição podemos perceber que os problemas das mulheres afrodescendentes não é só o preconceito de cor, nem mesmo só de gênero, mas ainda enfrentam o preconceito de classe, por serem as mais pobres. E este é um problema que o movimento feminista afrodescendente observou no início de sua formação e ainda hoje continuam sendo os três problemas básicos a serem discutidos e solucionados com participação daqueles com maior poder e influencia na elaboração e execução de projetos que viabilizem a contribuição da sociedade como um todo.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (2010) e outros órgãos de pesquisa, têm demonstrado a grande disparidade existente no Brasil entre a população afrodescendente e aqueles que não se consideram afrodescendentes. Brasileiros (as) afrodescendentes são inferiorizados (as) em vários âmbitos da sua vida, pois são os mais pobres, os que têm menos acesso a educação formal, e com acesso escolar, o seu desempenho é averiguado pior que brasileiros de outros grupos étnico-raciais. Estudantes afrodescendentes, via da regra, e as meninas para cumprir com a tabela discriminatória brasileira, ainda sofrem mais tratamentos diferenciados que estudantes de outros grupos e as suas taxas de evasão são em geral, maiores. Elas se deparam com muitos outros problemas geralmente motivados mais por questões étnico-raciais e de gênero.

Algumas destas mulheres, apesar de todas as formas de discriminação que enfrentam, conseguem sucesso acadêmico, terminando cursos superiores. Algumas estudam ou concluíram cursos de pós-graduação. Num país onde o analfabetismo ainda está na faixa dos 15%, estas mulheres, por causa do tipo de sociedade em que vivem, mostram características marcantes que merecem maiores investigações científicas. E aquelas que alcançaram o objetivo de estarem em um curso superior, muitas delas enfrentam mais que uma dupla jornada de trabalho, pois além de estudantes, são esposas, são mães, são donas de casa, são profissionais e desempenham outras responsabilidades também. A afrodescendência carrega toda uma história de luta, de sofrimento, de conquistas, superação, em que a cor da pele não irá definir nada.

A condição de ser mulher complica ainda mais esta situação para as mulheres. O fato de que algumas cada vez mais conseguem algum nível de êxito acadêmico que abre outras portas sociais, merece atenção especial pela ciência. O que faz estas mulheres diferentes entre as mais diferenciadas é fonte de informações valiosas para o saber

científico e o fazer das políticas públicas. São estas as maiores motivações da investigação cujos resultados parciais estamos tentando apresentar aqui.

Metodologia

A abordagem metodológica empregada na pesquisa é de natureza qualitativa. Utilizamos entrevistas para coletar as informações e análises de conteúdo para tratar os dados. Nas tentativas para compreender os sentidos que um grupo de mulheres afrodescendentes estava dando às suas experiências, especialmente escolares, uma pesquisa do tipo qualitativo é o mais indicado de acordo com autores como Bogdan & Biklen (1994) e Richardson (1999).

No andamento da pesquisa foram entrevistadas 17 mulheres afrodescendentes. No grupo tinha graduandas, pós-graduandas e professoras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e de outras instituições. Todas eram mulheres que conseguiram um bom desempenho educacional, a maioria com diplomas de cursos superiores. Para isso, tiveram que superar desafios para vencer os preconceitos de raça e gênero. Em muitos casos, as mulheres também, tinham que superar discriminações de classe e de condições de vida. As entrevistas permitiram que o grupo de mulheres afrodescendentes compartilhasse suas dificuldades e outras experiências para obterem o seu sucesso acadêmico.

De início era feito o convite para mulheres afrodescendentes com características relacionadas ao propósito desta pesquisa e entregue um termo de consentimento, onde o mesmo se aceita por elas deveria ser assinado como segurança que as mesmas concordavam em colaborar com a pesquisa. Todas as entrevistas foram gravadas (somente o áudio), após eram transcritas e enviadas por e-mail a cada entrevistada para conferência das mesmas. Quando necessárias, modificações foram feitas para garantir uma reprodução confiável de cada entrevista.

Segundo Moraes (p. 7-32, 1999), “a análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos” que neste caso são entrevistas realizadas pelo pesquisador e pesquisadoras com mulheres brasileiras afrodescendentes com ascensão social através da educação. De acordo com Rocha e Deusdara (2005), Bardim (1995), diz que a análise de conteúdo se define como um conjunto de técnicas de análises de

comunicações. Esta definição só faz validar o que diz Moraes sobre a metodologia da análise de conteúdo. Além disso, também há o aproveitamento de bibliografias relevantes aos assuntos aqui abordados.

Realizar essas entrevistas e ouvir relatar as experiências dessas mulheres afrodescendentes é de fundamental importância na vida de quem vivencia esse momento. Porque ao relatarem cada etapa de suas vidas e falarem dos desafios que passaram na universidade, ou bem antes para conseguirem se formar, depois fazer uma pós-graduação, passar em um concurso público e está sendo uma profissional, e agora como professora e psicóloga faz com que nós nos encontramos de algum modo na vida dessas mulheres. Esta ponderação permanece crucial neste estudo. Precisamos estar conscientes de que somos pesquisadores e apesar das semelhanças entre as experiências das mulheres participantes e nossas, são delas o eixo de todo este olhar investigativo. Desenvolver olhares menos subjetivos, percepções que focalizam as realidades que elas apresentam são as nossas maiores responsabilidades, e estas temos honrado.

Resultados

Nesta parte, as falas serão relatadas e serão seguidas por comentários relevantes. Como se pode imaginar, tanto as falas reportadas como os comentários são reproduções e produções resumidas de informações ricas que foram trabalhadas durante as trocas de experiências de vida com as mulheres que decidiram compartilhar partes de suas vidas e lutas com outras mulheres também, marcadas pelas experiências semelhantes. A fim de proteger a integridade das participantes, usaremos nomes fictícios para elas neste documento e em outras oportunidades quando falamos desta pesquisa.

No início de cada fala colocamos a formação e atual profissão que as entrevistadas está desempenhando. O objetivo dessa descrição é perceber a ascensão social, avanço educacional e promoção profissional (de professor do ensino fundamental para pós-graduanda) que as participantes dessa pesquisa alcançaram e mostrar que mesmo com o nível social que alcançaram elas não estão excluídas de sofrerem preconceitos de raça e gênero.

Nas dezessete entrevistas foi possível perceber que das experiências deste grupo de mulheres afrodescendentes, a vontade das próprias em alcançar seu sucesso acadêmico e avanço profissional estão em primeiro lugar. Na maioria das vezes em busca de mudança de vida, principalmente com relação à condição sócio econômica,

pois o problema financeiro tem sido crucial na vida da maioria das entrevistadas. E isso também leva com que muitas delas procuram e recebam ajuda de alguma forma dos familiares e amigos, e/ou se esforçam intensamente nos estudos, com o objetivo de conseguirem bolsas para terem uma melhor qualidade de ensino em instituições privadas do ensino básico, e assim conseguirem aprovação no vestibular nas universidades. Vejam alguns trechos de entrevistas onde mantemos os nomes das entrevistadas com o seu consentimento a fim de validar as falas e as experiências -

Mestre em educação e funcionária do IFPI : A minha família foi que contribuiu pelo menos 90% que eu me lembre agora foi minha família, mais a presença feminina (Francilene, 2010)

Atual professora da UESPI e UEMA: Pessoas que me ajudaram Grupos da igreja, minha mãe e a minha família, do meu pai de ser forte de encarar de enfrentar e não baixar a cabeça para ninguém (Adriana, 2011)

Mestre em educação e funcionária do IFPI : meu tio era muito enjoado no sentido de que ele é muito autoritário com os filhos dele, ai termina que ele quer mandar nos filhos dos outros da família como ele tinha uma situação melhor ele era bancário, ai ele achava que poderia dar palpite, ai minha mãe não deixava ela era muito forte nesse sentido e eu acho que puxei pra ela, de não deixar ninguém passar por cima de você que, você não tem dinheiro vai deixar as pessoas fazerem o que querem com você não tem como. (Francilene, 2010)

Ajudas externas foram imprescindíveis nas vidas dessas mulheres afrodescendentes. Também ajudou muito participação em grupos sociais voluntários que contribuíram na formação em vários aspectos de suas vidas.

Atual professora da UESPI e UEMA: dentro dos grupos da igreja católica foi minha salvação, essa coisa de espírito de liderança me ajudou muito, ver os problemas sociais e trabalhar para combater isso, era lá que eu chorava, lá que eu tinha meus amigos que me acolhiam e lá era a minha vida. (Adriana, 2011)

Mestre em educação e funcionária do IFPI: Ai teve um grupo sagrada família era um grupo de jovem que tinha lá em uma escola particular, eu não estudei lá, mas nos finais de semana tinha grupo de jovem pra meninos (as) de periferia, ai lá tinha uma espécie de monitoria agente se reunia dia de domingo, ai ia discutir questões sociais (...) o grupo me abriu muito a mente em termos de discussões sociais (Francilene, 2010)

Os desafios das participantes dessa pesquisa tem sido constantes em relação ao enfrentamento do preconceito de raça e gênero:

Doutora em Educação e funcionária adjunta da UFPI: cheguei a participar de movimento negro, dão eu me tornei militante foi em 1993 já tá com quase 20 anos, está com 18 anos, eu só me tornei militante por conta do meu filho, que eu queria combater o racismo, meu filho sofria preconceito na escola, aí eu ia lá, falava com os professores, com os alunos, e aí eu comecei levar pra vida acadêmica, a questão do dia da consciência negra, na academia também comecei a fazer pesquisas, trabalhei com formação de professores, então praticamente minha vida acadêmica e minha vida pessoal eu trabalhei em prol do combate ao racismo, por conta do que eu vivi (Shaira, 2011).

Atual professora da UESPI e UEMA: pessoas para atrapalhar tem muitas pessoas, porque quando você ocupa um cargo de destaque e quando você é mulher negra isso vai incomodando muita gente, essa leitura sobre isso eu faço hoje porque antes eu não percebia que a cor da minha pele fazia isso. (Kenia, 2011)

Vale ressaltar que estes trechos representam tentativas de apresentar a riqueza dos relatos de experiência oferecidos pelas mulheres participantes deste exercício acadêmico. O que apresentamos é menos rica que as vidas que elas descreveram!

Reflexões em desenvolvimento

Mulheres brasileiras de descendência africana sofrem discriminações tanto racial como sexual; essas mulheres mesmo ao obterem êxito na educação escolar, enfrentam mais dificuldades no mercado de trabalho do que os homens. Elas enfrentam problemas de como conseguir emprego, receber promoções merecidas, receber salários compatíveis com os dos homens, e outros desafios depois de serem contratadas.

A maioria das mulheres afrodescendentes ainda é empregada doméstica. Apesar de tudo isso, muitos no país ainda persistem em reproduzir ideias que levam o racismo e o sexismo a não serem tratados como assuntos fundamentais merecendo de soluções urgentes fazendo com que todos tratem estas mulheres como cidadãs, porque de fato são. Com isso é percebido que a luta ainda é pela igualdade de direitos, de respeito com as mulheres, respeito com sua cor, seu gênero, é necessário maior inserção das mulheres afrodescendentes na educação, no ensino superior e em todos os setores do mercado de trabalho sem diferença de salário por serem mulheres e afrodescendentes.

Neste sentido notamos algumas conquistas do movimento de mulheres afrodescendentes, mas essas mulheres continuam em movimento, se mobilizando,

buscando conquistas para os problemas que persistem e os novos que aparecem. É importante que deixemos claro que este movimento não é só das vítimas do problema, mas de toda a sociedade que precisa participar das práticas não preconceituosas e mais inclusivas de todos.

Em alguns momentos da pesquisa, deparamos com situações semelhantes às nossas e tudo isso nos influencia a não desistir, pois não somos as únicas a passar por determinadas situações, outras mulheres (pessoas) afrodescendentes passaram pelas mesmas dificuldades. Para enfrentar dificuldades financeiras, situações de preconceito de raça, gênero, a batalha em ter que trabalhar e estudar ao mesmo tempo, precisamos lembrar (para usar como modelos) que mesmo diante de tudo isso, este grupo de mulheres como muitas outras em partes diversas do país, conseguiram superar e continuam na luta até hoje. Mulheres afrodescendentes em movimento – com melhores níveis educacionais e mais forças organizativas, o seu movimento vai continuar conquistando mais espaço como cidadãs brasileiras. O que a escola pode fazer para apoiar as crianças neste esforço é tarefa de todos os profissionais da educação formal.

Referencia

BOMFIM, Maria do Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Alves Lopes de; GOMES, Ana Beatriz Sousa; SANTOS, Ana Célia de Sousa. (orgs.). **Educação e diversidade cultural**. Fortaleza: Edições, UFC, 2010.

CALDWELL, K.L. Racialized boundaries: Women's studies and the question of "difference" in Brazil, *Journal of Negro Education*, 70(03), 2001, pp. 219-231.

LOPES, Nei. "O racismo moderno" (p.173-181)" cronologia" (183-193), " Bibliografia" (p.199-203). In: O racismo explicado aos meus filhos. Rio de Janeiro: Agir, 2007.p. 173-203.

MOURA, Clovis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo, Editora Ática, 1988.

RISÉRIO, Antonio. **Em busca de ambos os dois**. In: _____. A utopia brasileira e os movimentos negros. São Paulo: Ed. 34, 2007b. p. 91-122.

SANTOS, A. Gislene. SILVA, Divino José, organizadores. **Estudos sobre Ética**. A construção de valores na sociedade e na educação. São Paulo: casa do psicólogo, 2002.

SILVA, Eliane Borges. Tecendo o fio, aparando as arestas: o movimento de mulheres negras e a construção do pensamento negro feminista. 2010.

Pesquisas da internet

A mulher negra e o movimento feminista no Brasil. Disponível em ><http://www.asateresina.org.br/opinioes.asp?nid=183> > Acesso em: 28 de janeiro de 2012.

FERNANDES, Ricardo. Movimento negro no Brasil: mobilização social e educativa afro-brasileira. Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 6 - Agosto. 2009 - ISSN 1983-2354. Disponível em:><http://www.africaeaficanidades.com>> Acesso em: 12 de dezembro de 2011.

Nomes de bebês origem africano. Disponível em: <http://www.todopapas.com.pt/nomes-do-bebe/nomes-origem-africano>> Acesso em: 14 de fevereiro de 2012.